

## APRESENTAÇÃO

Com certa dose de boa vontade, é possível até que o leitor concorde com este editor, afinal, para se fazer uma revista é preciso homens e idéias. Bem, mas preciso é, também, atentar para outros detalhes...

Sem papel e tinta, máquinas e merchandising que significam "dinheiro", e principalmente o alvo principal que é o leitor, por mais que seja vária — artesanal ou eletrônica — a forma e a técnica de compor e imprimir, de divulgar e distribuir, sem homens e idéias, nada feito. Sem uma e outra não se chega a essa ágil maneira de periodicamente veicular informações, socializar o conhecimento e com ele o saber e a competência, de levantar problemas e/ou oferecer soluções; de seduzido pela emoção, levar à perplexidade ou à revolta; ao sentimento de historicidade ou ao devaneio. Não se concretiza o projeto se esses pré-requisitos não forem atendidos.

De tudo isto e muito mais pode ser capaz uma revista: de confraternizar os contrários ou provocar uma batalha, criar ou derruir preconceitos e instituições, produzir movimentos de opinião ou conseguir dar forma e fundo a uma filosofia. À sua volta, há ainda espaço para descontrair-se, ter estranhas ou conhecidas sensações, descobrir-se e descobrir o outro.

A que veio então *Resgate*? A uma proposta de cultura. Para chegarmos até ela foi preciso uma instituição — a UNICAMP — e nela um espaço que lograsse conferir à sua prática do cotidiano, uma nova experiência de interdisciplinaridade acadêmica, o *Centro de Memória*.

Acontece que a postura bem comportada da Academia e até mesmo a irreverência de seus membros mais irriquiotos — os estudantes — não estão livres de se tornarem monocórdios para os que circulam fora dos seus muros.

Há mais gente lá fora nos olhando e que muito esperam de nós. E para com eles dialogarmos, os nossos aventais brancos, o nosso saber institucionalizado, as nossas

técnicas de produzir e transmitir conhecimento nem sempre funcionam. Da arrogância à ousadia, a universidade passa por amplo espectro de cacoetes, que nos levam a falar sem ser ouvidos, a fazer sem convencer.

Em que medida é possível ultrapassar a densa barreira de incomunicabilidade? *Resgate* veio a isso. Sua tarefa: abrir espaço para o debate que não se cadencie apenas pela pulsão acadêmica. Não dá mais para esperar acontecer.

Para o nosso gosto, este primeiro número está ainda muito canônico. Entretanto, serve ao propósito de dar o impulso inicial. Nos próximos números, iniciaremos uma série de entrevistas com intelectuais e homens públicos. Está em nosso projeto também a publicação de números especiais, de "mesas-redondas" sobre temas atuais de interesse para a sociedade brasileira. A revista será aberta à colaboração estrangeira.

\* \* \*

Entre a hesitação natural e a ousadia é que nos lançamos a esta arriscada empresa de produzir uma revista.

A soma e a qualificação científica, literária e artística dos trabalhos que vêm sendo diretamente produzidos ou estimulados através da utilização dos seus serviços, pelo Centro de Memória — UNICAMP, desde a sua criação, sentem pesar sobre si a necessidade de um veículo de divulgação, de alto nível, que intercambie e promova a circulação de idéias, experiências e resultados, bem como represente um novo espaço criativo para o debate e propostas interdisciplinares sobre a política cultural e científica para a sociedade brasileira nas áreas de ciências humanas, letras e artes.

A natureza interdisciplinar do CMU permite-nos contemplar ampla área da cultura, o que poderia ser menos fácil se vinculado a uma única unidade convencional de ensino e pesquisa — quando muitas vezes, somos obrigados a perfilar-nos apenas pelo currículo dos seus cursos ou estrutura, mesmo porque nossa proposta é ampla e abrangente, pretendendo integrar o que a cultura produz extramuros da universidade e o que é gerado no campus.

Nesse sentido, dentro da projeção que a UNICAMP conseguiu pelo avanço inovador e pela alta qualidade da sua produção, julgamos que naturalmente o CMU pode ser um dos veículos ideais para a divulgação dessa produção, interagindo com o que se faz lá fora e que é essencial para a universidade.

O que pretendemos — ou em última análise vamos perseguir — é resgatar para a universidade um debate crítico, mais atual e comprometido, que fuja ao discurso acadêmico convencional, que nesse sentido fica muitas vezes distanciado das grandes questões que a sociedade brasileira enfrenta e que devem ser naturalmente objeto das ciências humanas, das artes e das letras.

Publicações fora dos circuitos acadêmicos é que têm, meritoriamente, abrigado esse debate. Dele pretendemos participar ativamente, competindo inclusive com o que se faz fora da universidade ao atingir um público que nem sempre é por ela acolhido.